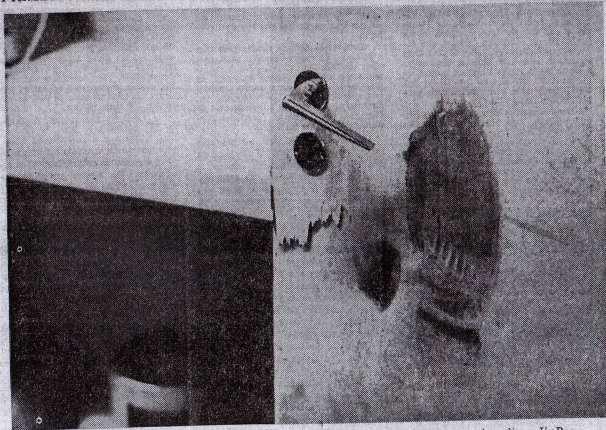


PRIMEIRO PASSO



A Polícia avança a porta do laboratório da Faculdade de Medicina para invadir a UnB

Estudantes faziam prova quando UnB foi invadida

José Leão Filho

Brasília (Sucursal) — Quando, quinta-feira, a bota de um soldado arrebentou a porta do laboratório da Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília, 93 estudantes, orientados por quatro professores, faziam algo que certamente não foi previsto pelos estrategistas do Ministério da Justiça: estudavam e faziam prova.

O combatente, com a energia dos que lidam nos campos de batalha, olhou o inimigo e começou o ataque, atirando uma bomba de gás lacrimogêneo que passou girando sobre os estudantes, bateu na parede oposta, onde deixou sua marca, e já no chão começou a soltar sua nuvem venenosa. Cessaram então as atividades do inimigo: uma prova de Embriologia e Histologia e uma aula prática de isolamento do ácido desoxi-ribonucleico.

Minutos antes, enquanto em frente à Reitoria os agentes do DOPS arrastavam da Federação Estudantil seu presidente, Honestino Guimarães, o diretor da Faculdade de Medicina, professor Luis Carlos Lôbo, interrompeu ali perto a conversa com uma equipe de alunos que lhe fazia relatório oral sobre um teste de PPD (pro-

dade estava sofrendo um cataclisma. Estouros, tiros e tropéis se ouviam por toda a parte. Da extensa mesa de aparelhos, junto à qual alguns alunos ainda estavam sentados, um espectofotômetro foi arrancado e atirado ao chão, onde bateu com uma explosão de curto circuito. O aparelho, chegado dos Estados Unidos uma semana antes, custara 4 500 dólares.

Em outro setor da sala, numa agitação caótica, os uniformes amarelos se misturaram com a roupa branca dos alunos e professores. Junto a uma parede, sobre minúscula mesa de operação, estava um rato branco com a barriga aberta, as vísceras à mostra em seus devidos lugares. Esse era o crime do momento: os professores orientavam os alunos numa experiência de isolamento do ácido desoxi-ribonucleico, para o que seria utilizado o fígado do rato. Na parede do outro lado, umas anotações no quadro negro, certamente misteriosas para os invasores. Era o esquema da aula prática, a cargo dos professores Valdenor Barbosa Cruz e Carlos Morel.

NERVOS

nor Barbosa venceu o pavor que o tomava e protestou contra a destruição do espectofotômetro. Um soldado respondeu-lhe com um berro e manoplas decididas o agarraram, destacando-o do grupo e levando-o a toda pressa para o local já consagrado em operações anteriores: a quadra de basquete do campus, onde centenas de estudantes, professores, funcionários e operários das obras já estavam sendo concentrados sob a mira de mosquetões e metralhadoras.

MULHER NA FILA

O assessor de imprensa do Reitor, jornalista Manuel Peres, também repórter da *Folha de São Paulo*, encontrava-se em seu gabinete de trabalho, quando ouviu lá fora gritos de socorro e, em seguida, um clamor crescente em todo o campus, misturado com estampidos de armas de fogo. Saiu correndo e da porta da Reitoria, viu o líder estudantil Honestino Guimarães — um rapaz miúdo e louro que se casou outro dia e vinha fugindo a um mandado de prisão da Justiça Militar — sendo arrastado de baixo de socos e pontapés para uma viatura do DOPS. Honestino gritava que haviam quebrado seu braço. Per-